

vislumbre

beth kery

Tradução de Ester Cortegano

À minha editora, Leis Pederson, muito obrigada por apoiar as minhas histórias e a minha escrita, e por me fazer continuar. Tenho uma enorme dívida de gratidão para com o meu marido, que comigo sofre e celebra todos os meus livros, e por isso faz também parte de cada um deles.

UM

Alice Reed estava habituada a ocultar o seu nervosismo. Estava habituada a ocultar quase tudo. Porém, esse dia estava a ser diferente. Seria tão capaz de disfarçar a sua ansiedade pela entrevista iminente como teria sido capaz de ignorar um provocador desafio matemático.

— Não te preocupes. Vai ser canja. Só tens de te concentrar no que sabes. Porque, quando te concentras, és absolutamente fantástica — disse Maggie Lopez para a acalmar, enquanto a observava rapidamente, com um ar amigável mas crítico. Maggie era sua orientadora, no programa de MBA da faculdade de Arlington. Após uma série de desaires iniciais que agora lhe pareciam uma sorte inesperada, Alice arrendara o apartamento por cima da garagem de Maggie. Mais importante ainda, as duas mulheres tinham-se tornado amigas. E ela respeitava a opinião de Maggie, por isso a sua ansiedade cresceu ainda mais quando a viu franzir ligeiramente as sobrancelhas. Ocorreu-lhe um pensamento horrível. Espalmou a mão no alto da cabeça.

— *Merda*. As minhas raízes. Estão a aparecer, não estão? Esqueci-me de as pintar. Fiquei tão embrenhada naqueles cálculos ontem à noite que me esqueci de tudo — gemeu, enquanto se erguia da cadeira de um salto e corria para o espelho na parede do escritório de Maggie. Era uma atleta razoável, mas não estava acostumada a usar outra coisa que não botas militares, chinelos ou ténis. Quase caiu de cabeça com os sapatos de salto alto que comprara para a entrevista.

Maggie suspirou de divertido exaspero atrás dela.

— Só tu te esquecerias de uma entrevista para uma oportunidade no mais ambicionado programa de formação executiva nos Estados Unidos... não, *no mundo*, por causa de uns cálculos sem importância nenhuma.

Alice fixava-se ao espelho, de olhos muito abertos. O seu rosto parecia especialmente pálido, devido à ansiedade e ao contraste entre o cabelo curto quase preto, o fato azul-marinho e os olhos azuis-escuros pesadamente delineados.

— Foste tu que me pediste para fazer aqueles cálculos sem importância nenhuma — balbuciou Alice, distraída. Alisou o cabelo contra o crânio e olhou furiosamente para o espelho, como se lhe atribuísse a responsabilidade pelas suas muitas imperfeições. E, lá estavam elas, as denunciadoras raízes arruivadas e brilhantes. — Que se lixe — disse entre os dentes cerrados. — Isto é uma treta, de qualquer maneira. A Durand nunca enviou um recrutador ao programa de MBA da universidade de Arlington. Isto é outro exemplo da famosa *caridade* da Durand? — quis saber, virando-se para Maggie.

Mas esta, nos últimos dois anos, já tivera oportunidade para se tornar imune aos seus sobrolhos franzidos e língua afiada. Sabia muito bem que com Alice funcionava o provérbio «cão que ladra não morde».

Na maior parte das vezes, pelo menos.

— Não te atrevas a menosprezar este programa — avisou Maggie com um dedo apontado e uma expressão ameaçadora. — Por acaso, tenho um enorme orgulho nele e em tudo o que conseguimos nos últimos anos, graças, em grande parte, ao *teu* brilhantismo, trabalho árduo e investigação pioneira. Se estou surpreendida por a Durand ter querido vir recrutar entre a nossa turma? Não. Não estou — acrescentou Maggie num tom terminante, quando Alice lhe fez um olhar meio esperançoso, meio duvidoso. — O artigo sobre filantropia e lucro provocou ondas de choque por toda a comunidade empresarial. Agora, para de sentir pena de ti própria — disse, enquanto se deixava cair na cadeira da sua secretária, fazendo com que as molas protestassem audivelmente.

A irritação de Alice esmoreceu.

— Eu também me orgulho do estudo de F e L — disse com sinceridade, referindo-se ao artigo inovador que ela e outros colegas tinham publicado, com Maggie como investigadora principal, alguns meses antes. — Mas o Sebastian Kehoe disse-te que vinha a Arlington por causa desse estudo? — perguntou. Kehoe era o vice-presidente para os recursos humanos da Durand.

— Não.

— Então *porque é que vem?* — resmungou ela.

Alice quase desejava que Sebastian Kehoe tivesse continuado a ignorar a sua pequena faculdade. Ela saía-se melhor no isolamento. Ofendia-a ter de se vender a entrevistadores como se fosse uma mercadoria e, *ao mesmo tempo*, o vendedor dessa mercadoria. Dizer que não tinha jeito para as entrevistas era um gigantesco eufemismo.

— A Durand vem a Arlington porque está à procura de executivos de excelência, suponho eu.

Alice soltou um ronco de troça.

— Disseste-me para encarar esta entrevista como uma boa experiência para entrevistas futuras. Ou seja, nem mesmo *tu* acreditas realmente que qualquer pessoa na Arlington tenha alguma hipótese com a Durand.

— Eu não sei o que pensar, para ser honesta — disse Maggie num tom tenso. Arrancou vários lenços de papel de uma caixa e estendeu-os a Alice. — Agora limpa um bocado dessa porcaria que insistes em pôr nos olhos. Escova o cabelo para trás para esconder as raízes. Põe um bocado de batom, por uma vez na vida. E, pelo amor de Deus, endireita as costas. Eu espero que estejas à altura do desafio, não que te encolhas na sua frente.

As costas de Alice *endireitaram-se*, de facto, de fúria, durante alguns segundos — antes de a verdade das palavras de Maggie se infiltrar na sua mente. A mentora tinha razão. Como de costume.

— Vou à casa de banho tentar aligeirar um pouco a cara — concordou Alice com um tom submisso. — Tenho dez minutos antes da hora da entrevista.

— Linda menina — disse Maggie num tom animado. — *Alice?* — chamou asperamente quando ela estava já a abrir a porta do seu escritório.

— Sim? — Alice olhou por cima do ombro. Ficou imóvel quando viu a expressão invulgarmente sombria no rosto de Maggie.

— Houve uma pequena alteração nas circunstâncias da tua entrevista. O Sebastian Kehoe adoeceu há alguns dias e teve de vir outra pessoa no seu lugar.

Alice foi varrida por uma perversa e selvagem combinação de desilusão, triunfo e alívio. *Claro*. Tinham enviado um pau-mandado substituto qualquer no lugar de Kehoe? Como seria de imaginar. Sabia que a Durand nunca veria nenhum membro da sua turma de mestrado

como um verdadeiro candidato ao «Campo Durand». O programa de quatro semanas nas margens do lago Michigan era onde, todos os verões, os mais brilhantes e promissores estudantes das escolas de negócios eram convidados a mostrar o seu trabalho. Sessenta por cento dos monitores do Campo Durand eram escolhidos para se tornarem os mais bem pagos jovens executivos de elite do mundo. Através de uma combinação de exercícios de *team building*, intensa observação e um altamente reputado campo de férias para crianças no lago, a Durand selecionava uns poucos escolhidos, acabando com os melhores entre os melhores.

Os selecionados para o Campo Durand recebiam uma soma avultada pelas suas semanas de serviço, quer se tornassem funcionários permanentes quer não. Alice desejava aquele monte de dinheiro, mesmo que não se atrevesse a esperar alguma vez ser convidada para assumir uma verdadeira posição na multinacional altamente bem-sucedida. Tinha de pagar os empréstimos que contraíra para pagar a faculdade, e nenhuma sólida perspectiva de emprego. Ainda assim... sentia-se dividida: não gostava de se ver obrigada a provar o que valia àquela empresa influente e próspera.

— Eu *sabia* que a Durand não podia estar seriamente interessada na Arlington — disse Alice.

Ou em mim.

Maggie devia ter reparado no sorriso de triunfo que Alice tentou esconder.

— Estão tão *pouco* interessados na faculdade de Arlington que foi o seu CEO que veio no lugar do Sebastian Kehoe — disse Maggie.

A mão de Alice caiu da maçaneta.

— O quê?

De súbito, Maggie parecia ter dificuldade em olhá-la nos olhos.

— Vários administradores da Durand estavam em trabalho aqui em Chicago. Quando Kehoe adoeceu, Dylan Fall concordou em ficar com os seus compromissos restantes. — Maggie olhou-a de relance, com um ar pensativo. Ou seria de um ar de *preocupação*? — Eu... eu não te queria dizer porque pensei que ias ficar mais nervosa, mas também não queria que entrasses ali desprevenida — disse aflitivamente.

Alice sentiu uma tontura.

— Dylan Fall — declarou num tom monocórdico, incrédulo.

— Estás a dizer-me que, daqui a nove minutos, vou ser entrevistada pelo CEO da Durand Enterprises?

— Isso mesmo. — A expressão de pura compaixão de Maggie des-vaneceu-se e foi substituído por uma de determinação. — Esta é a oportunidade de uma vida. Não estou necessariamente à espera que consigas um lugar no Campo Durand, isso pode ser esperar demasiado, tendo em conta tudo o que já sabemos. Mas tu és uma rapariga única, inteligente, e és genial com os números e... bem, és o *melhor* que a Arlington tem para oferecer. És a melhor que eu alguma vez conheci — acrescentou, com um olhar desafiador. — Por isso, pelo menos, *espero bem* que entres naquela sala, levantes a cabeça e deixes Arlington orgulhosa.

Alice ainda tinha a proclamação de Maggie a vibrar na sua cabeça, enquanto aguardava nervosamente na sala de espera do gabinete do reitor. Reitor que, ao que parecia, cedera alegremente o seu espaço a Dylan Fall.

Claro.

O mais provável era que Fall estivesse habituado a que toda a gente se deitasse por cima das poças de lama, para ele poder atravessá-las sem conspurcar os seus sapatos de luxo.

Maggie tinha razão. Alice não tinha qualquer hipótese de entrar no Campo Durand — quanto mais de ser contratada como executiva de elite na empresa. Mas isso não significava que ia acobardar-se. Alice já fizera frente a filhos da mãe e marginais que eram cem vezes mais assustadores do que um engravatadinho como Dylan Fall.

Só teria de se levantar e sair dali, com o orgulho intacto.

— Pode entrar — anunciou Nancy Jorgensen, a secretária do departamento de negócios, enfiando a cabeça pela porta que dava para um corredor. Alice levantou-se, agarrada ao seu novo portefólio de vinil, e tentou não vacilar sobre os saltos. Lançou um olhar sombrio a Nancy Jorgensen. A mulher de meia-idade, uma típica figura cinzenta, parecia estranhamente corada de excitação. Desconfiou que sabia o motivo: Dylan Fall. *Traidora*, pensou Alice amargamente enquanto passava por Nancy.

Vamos lá acabar com esta porcaria de uma vez.

Em vez de entrar calmamente no escritório que Nancy indicou, Alice investiu contra ele. A porta era mais leve do que imaginara pela

sua aparência formidável, com painéis de carvalho. Empurrou-a com demasiada agressividade e ela foi estampar-se contra a parede interior do escritório. Alice sobressaltou-se com o barulho tremendo e estacou à ombreira. O homem instalado à secretária de carvalho olhou para ela e pestanejou.

— Há fogo? — perguntou tranquilamente.

— Não — disse Alice, e franziu o sobrolho, desconfiada por não saber se ele estava a brincar ou não.

Era engraçado que ele tivesse mencionado um fogo. Alice não se sentia tão nervosa desde que se trancara no seu quarto e o tio Tim pegara fogo aos químicos do laboratório de metanfetaminas que a mãe tinha em casa para a obrigar a sair de lá. Não tivera sucesso, mas quase matara Alice — e a si próprio — no processo.

Nancy fechou a porta atrás de si com um clique mudo. Dylan Fall estudou Alice, que tinha os pulmões a arder.

De repente, ele tirou os óculos que usava e levantou-se. Alice obrigou os membros hirtos a moverem-se. Viu-o estender a mão.

— Alice? Dylan Fall. Muito prazer em conhecê-la — disse, a voz grave com um pequeno traço de rouquidão. A espinha dela arrepiou-se com a acentuada percepção do som.

— Obrigada pelo seu tempo — respondeu, apertando-lhe a mão com firmeza. Ele estendeu a outra mão num elegante gesto a convidá-la para se sentar e instalou-se no seu lugar. Quando se sentou na cadeira de pele na frente da grande secretária, Alice sentiu que os braços e pernas estavam gritantemente descoordenados com o cérebro... pior, sentiu-se como se fosse um mendigo a suplicar perante o luzidio altar do deus da riqueza e poder. Recusava-se absolutamente a ficar impressionada ou acobardada perante Dylan Fall.

Podes recusar o que quiseres. Já estás acobardada.

— Fico contente por ter tido esta oportunidade para a conhecer. Pelo que fiquei a saber, é a si que se deve grande parte do brilhantismo estatístico do artigo sobre filantropia e lucro publicado no *Journal of Finance and Business* — disse ele, pegando numa caneta e começando a tamborilar com ela sobre a secretária. Depois moveu a caneta de uma forma distraída, os dedos a percorrerem o macio cilindro de metal, a virá-lo, e a repetir o processo.

Alice arrancou os olhos dessa visão e concentrou-se no rosto do

homem. Sentia o coração começar a bater desconfortavelmente depressa. Ele brincava com a caneta de forma abstraída, mas o olhar sobre ela era implacável. As pesadas cortinas do gabinete estavam corridas, bloqueando a luz do Sol primaveril. O contraste entre a sombra e a luz emitida pelo candeeiro faziam com que o seu queixo forte e os olhos quase pretos parecessem quase dramáticos. Enigmáticos. Ela já sabia o que esperar do seu aspeto, ou, pelo menos, fora isso que se dissera a si própria. Ele tinha cabelo castanho-escuro que parecia macio, apesar da espessura. Era mais comprido à frente do que atrás. Usava-o penteado para trás, o estilo a combinar com a roupa profissional, mas parecia que podia ser sensualmente despenteado num instante pelos dedos de uma mulher. Um par de olhos lustrosos e perfurantes anunciavam alto e bom som a qualquer pessoa que era melhor fazer exatamente o que Fall queria, para não ser fulminada no mesmo segundo. As pestanas escuras e as sobrançelas oblíquas contribuía para uma aura de cigano-*sexy*-transformado-em-pirata-empresarial. O rosto era atraente, mas de uma forma dura — cheio de carácter e força. Fall estava longe de ser um menino bonito. Havia nele qualquer coisa rude, apesar do fato caro e da compostura majestosa. A covinha no queixo também aumentava a sensação de beleza masculina dura e cinzelada.

Os meios de comunicação adoravam-no. Alice já vira fotos em que ele aparecia de rosto liso, outras com a barba por fazer ou até, de vez em quando, de barba e bigode. Atualmente, usava uma pera fina e bem aparada. A pele não era pálida, mas ele não parecia ser o tipo de homem que se bronzeava com frequência. Alice imaginava que, tal como ela, ele devia passar muito do seu tempo a ler relatórios e a olhar para os números num ecrã de computador, ou então sentado à cabeceira de uma mesa de reuniões.

A Durand Enterprises era conhecida não só pelas suas fortes práticas filantrópicas mas também pela robustez financeira. Fora a própria Alice que a sugerira de imediato para o seu estudo multifatorial e longitudinal sobre a correlação entre filantropia empresarial e lucro. Nessa altura, mergulhara nos muitos artigos de jornais e revistas sobre a Durand para reunir dados relevantes, por isso já vira fotografias de Fall.

E olhara muito para elas. Tanto, de facto, que começara a pensar que estava a ficar um pouco obcecada pela personagem.

Como regra, a espécie masculina não a impressionava por aí além. Tivera de lidar com a sua dose de homens convencidos, mentirosos, inúteis e perigosos ao longo da vida. Os atraentes, de um modo geral, tinham ainda menos qualidades redentoras do que os vulgares ou os feios, na sua opinião. Os feios precisavam de o compensar de alguma forma, para poderem competir pelas mulheres. Por isso não costumava pestanejar duas vezes quando conhecia um tipo atraente. Só que Dylan Fall possuía aquele género de beleza rebelde que provocava todas as espécies de reações químicas involuntárias no seu corpo.

Naquele momento, teve de o mandar mudamente para o inferno por isso. Não possuía ele já uma injusta quantidade de vantagens?

Endireitou-se e pigarreou.

— Fui apenas uma entre os quatro investigadores assistentes no projeto da Dr.^a Lopez. Todos fizemos a nossa parte da pesquisa e dos cálculos.

Os dedos dele tornaram-se mais lentos em torno da caneta. Ele semicerrou os olhos.

— É, então, uma jogadora de equipa? — perguntou, calmamente.

— É só a constatação de um facto.

— Não. Não é.

Ela espetou o queixo para cima. Depois quase baixou a cabeça de imediato, quando sentiu a forma como músculo e pele se contraíram, fazendo provavelmente com que a pulsação desordenada se tornasse mais óbvia no seu pescoço, expondo a sua vulnerabilidade.

— Falei pessoalmente com a Dr.^a Lopez, hoje, quando cheguei — informou ele. — Ela disse-me que a maior parte das inovadoras análises estatísticas que apresentam no projeto foram não só feitas, como concedidas por si.

Ela não soube o que dizer, por isso limitou-se a sustentar o olhar do homem.

— Não quer gabar-se dos seus feitos? — perguntou ele.

— É disso que gosta? De cãezinhos a mostrar as suas habilidades?

Os dedos imobilizaram-se a meio de uma volta com a caneta prateada.

Merda.

As faces dela inundaram-se de calor.

— Desculpe. Não queria dizer isto — disse, afogueada. — Só estou

um pouco confusa com a presença da Durand aqui na faculdade de Arlington. Estamos *todos*, para ser honesta. Veio por causa do artigo?

— Isso surpreende-a? — perguntou ele, atirando a caneta para cima de uma pasta. — A Durand foi uma das principais empresas que lá figuravam. A Alice conseguiu justificar os nossos fortes princípios filantrópicos através de estatística irrevogável. Fiquei impressionado — disse simplesmente. Ela engoliu em seco quando o viu inclinar-se para a frente, de cotovelos sobre a mesa, e olhá-la nos olhos. — Bastante impressionado.

— Precisava de justificação? — não conseguiu impedir-se de perguntar.

Ele encolheu ligeiramente os ombros e voltou a recostar-se para trás, a ação a fazê-la desviar o olhar para os seus ombros largos e para o peito de aspeto sólido. Ele sabia como usar um fato, isso era certo. Poderoso. Elegantemente perigoso. Em Dylan Fall, um fato transformava-se no equivalente moderno à armadura de um guerreiro.

— Não propriamente, não. A Durand é uma empresa de capital fechado, como tenho a certeza que deve saber. Não temos acionistas a quem precise de justificar as minhas ações.

— Nem aos outros membros da direção? — perguntou ela, a curiosidade a triunfar sobre a sua ansiedade.

Ele olhou-a mais intensamente.

— Julgava que era *eu* que a estava a entrevistar.

— Desculpe — apressou-se a dizer. Era a única coisa que conseguia fazer naquela entrevista? Pedir desculpa? E aquilo que estava agora a ver na boca dele... seria um minúsculo sorriso? Por alguma razão, preferia que não fosse, por mais inquietante que estivesse a achar toda aquela experiência. Ela não estava a encolher-se, como Maggie temera, mas estava *mesmo* a fazer arder as suas possibilidades. E não em lume brando.

Era mais uma morte por combustão espontânea.

— Eu estava apenas curiosa a respeito da reação da Durand ao artigo — retrocedeu. — Trabalhei naquele projeto durante quinze meses seguidos, até trabalhava a dormir. Foi quase como se me ficasse no sangue.

— Como alguém que dorme, bebe e come Durand, sinto-me inclinado a compreender completamente — disse ele num tom seco. — Na verdade, os objetivos filantrópicos da Durand são baseados nas diretivas de Alan Durand, o fundador da empresa. A Durand tem uma longa tradição de projetos comunitários e programas de formação e de caridade.

Depois de terminar o estudo, ficou convencida de que é um objetivo meritório para uma empresa?

— Como?

— Considera que a maior parte das empresas devia incluir a filantropia nas suas diretivas?

— A estatística indica que sim.

— Não foi isso que eu perguntei.

Ela baixou o olhar para os dedos, que entrelaçara em cima da sua pasta. Uma pequena mancha de transpiração humedecia o vinil.

— Se uma empresa consegue aumentar os seus lucros ao mesmo tempo que beneficia a comunidade e a sua gente, parece que todos saem a ganhar, não acha?

Ergueu o olhar quando ouviu a gargalhada seca.

— Aí está, de facto, uma resposta politicamente correta. Agora dê-me uma resposta honesta, Alice. Acha que as empresas como a Durand deviam continuar os seus esforços comunitários filantrópicos?

O silêncio prolongou-se, tenso.

— Alice? — incitou ele baixinho.

— Claro. É só que...

— O quê?

— Nada. — As sobrancelhas negras inclinaram-se ameaçadoramente. — É só que... Parece-me... — *Que se lixe, já estragaste esta entrevista, de qualquer maneira. Toda a gente sabe que nunca tiveste a mínima hipótese, desde o princípio.* — É um bocadinho complacente, mais nada. — Ela encolheu-se um pouco quando o viu ficar ameaçadoramente imóvel. — Tirando isso, penso que a resposta é um categórico sim. Acredito que as grandes corporações deviam ter diretivas em termos de caridade.

— Complacente? — perguntou ele, a voz baixa a parecer-lhe semelhante ao grave ronronar de um leão enganadoramente calmo. — Como se a Durand só se quisesse exhibir, é isso que está a dizer. Fazer boa figura aos olhos do público apenas para vender geringonças... ou, no caso da Durand, vender chocolates, refrigerantes, bebidas energéticas e leite com chocolate, entre outras coisas.

— Todas as coisas que os vossos campistas no Campo Durand, jovens urbanos de baixos rendimentos e oriundos de bairros infestados de pobreza, consomem — não conseguiu impedir-se de dizer. Sentiu o calor a incendiar-lhe as faces.

Obrigou-se a não estremecer sob o olhar penetrante do homem, mas a sua determinação tinha, definitivamente, vacilado. Dizer meramente que os olhos dele eram «castanhos-escuros» ou «quase pretos» subestimava grandemente o seu impacto. Eles brilhavam como pedras polidas com fogo no seu interior. Aqueles olhos, por alguma razão, conseguiam sobressaltá-la numa base constante.

— Consome esses produtos, Alice?

— De vez em quando — disse, encolhendo os ombros. Na verdade, era uma viciada em chocolates. Os *Jingdots*, os *Doce Adelaides*, os *ChocCaramelos Salgados* da Durand encontravam-se entre os seus maiores *guilty pleasures*, enquanto estava sentada ao computador a fazer cálculos. Não que fosse confessar essa fraqueza a Dylan Fall. — Porquê? — perguntou cautelosamente. — Esse é um dos pré-requisitos para se ser selecionado para o programa de formação da Durand?

— Não — disse ele, pegando num papel que estava em cima da secretária. O coração dela começou a bater mais depressa. Dylan Fall ia dizer-lhe a qualquer segundo que a entrevista terminara. *Que dissesse*. Quanto mais depressa saísse dali, melhor. Depois viu-o examinar brevemente aquilo que percebeu ser o seu currículo. — Mas sei, por acaso, que Little Paradise, onde foi criada, é uma dessas áreas de baixos rendimentos e infestadas de crime que acabou de descrever.

O coração de Alice batia agora desconfortavelmente contra o esterno. Teve de descolar a língua do céu da boca.

— Como é que sabe que fui criada em Little Paradise? — disse, em voz rouca, mortificada por Dylan Fall, logo Dylan Fall, saber daquele sítio mal-afamado onde crescera. Little Paradise, o nome grosseiramente desadequado por que era conhecido o único parque de caravanas que restava nos limites da cidade; uma suja e miserável comunidade que crescera sob os fumos tóxicos das fábricas de Gary, Indiana. A morada não constava do seu currículo. Ela não queria ter nada a ver com Little Paradise. Usava um endereço local desde que entrara na universidade, quase seis anos antes.

— A Dr.^a Lopez mencionou-o — disse ele, sem pestanejar. — Tem vergonha do local onde cresceu?

— Não — mentiu enfaticamente.

— Ótimo — disse ele, voltando a pousar o currículo sobre a secretária. — Não devia ter.

Ele só devia ser uns dez anos mais velho do que ela, que tinha quase vinte e quatro. Alice ressentiu-se daquele seu ar de experiência e fleumática compostura, apesar da relativa juventude. Como teria chegado a CEO tão novo? Seria da família do fundador da empresa, ou coisa do género? Tentou lembrar-se. Revelara-se extremamente difícil encontrar dados pessoais tanto sobre Alan Durand como sobre Dylan Fall. Nunca conseguira encontrar muitos pormenores sobre a meteórica ascensão de Fall na poderosa empresa.

Ocorreu-lhe de súbito, com um baque, como estava deslocada perante a delicada e suprema confiança do homem. De certeza que ele se estava a divertir imenso com a sua acanhada atitude defensiva e a sua confusão.

— Vai fazer-me algumas perguntas relevantes a respeito de negócios, o meu interesse na Durand, as minhas qualificações? — perguntou, com o queixo tenso.

— Pensei que era isso que estava a fazer. — A expressão rígida de Alice não vacilou. Ele inspirou fundo. — Muito bem. — Colocou bruscamente os óculos cor de cinza e pegou nalguns papéis que estavam em cima da secretária. Parecia extremamente *sexy* com eles.

Claro.

— Tenho algumas perguntas para lhe fazer a respeito das suas decisões de investigação no estudo sobre filantropia e lucro.

Começou a descontraír ligeiramente quando ele se lançou numa série de questões concisas sobre a sua análise estatística. Alice conhecia os modelos matemáticos de trás para a frente. E também era viciada em trabalho. Naquela arena, ele não a conseguia confundir. Mesmo assim, passado algum tempo, sentiu que Fall não só compreendia as nuances da estatística tão bem, se não melhor, do que ela, como estava anos-luz à sua frente no conhecimento do que as suas conclusões *significavam* para o funcionamento prático do mundo dos negócios. Sentiu inveja daquele conhecimento, mas ficou também curiosa. Faminta. Seduzida pela esplendorosa promessa de poder que aqueles números poderiam conceder-lhe quando combinados com um conhecimento e experiência como os de Fall.

Passada quase uma hora de intensas perguntas e respostas, ele ergueu o braço e olhou de relance o relógio.

— É uma identificadora de tendências estatísticas, não é? — perguntou ele descontraidamente, referindo-se à sua capacidade de absorver

dados e, de imediato, decompô-los em tendências significativas, detetar anomalias e até prever resultados.

— Suponho que posso dizer que sim — disse Alice.

— É uma perita?

— Não — negou, tensa. A palavra *perita* rotulava-a como uma pessoa esquisita. Ela só queria passar despercebida. As pessoas esquisitas não passavam despercebidas. — Só tenho uma razoável sensibilidade para os números e o que eles significam.

— Tem uma sensibilidade *fenomenal*. Um dom raro — corrigiu ele, a sua voz grave a fazê-la arrepiar-se de novo. — Acho que já me informou de tudo o que precisava de saber — disse ele de súbito, secamente, o seu olhar nos papéis sobre a secretária. Alice descontraiu-se na cadeira, reconhecendo o final da entrevista. — Só mais uma coisa... Já se tinha interessado especificamente pela Durand Enterprises antes de começar o estudo da filantropia?

Ela abanou a cabeça.

— Não. Quero dizer... já a conhecia, claro. Estava familiarizada tanto com o seu sucesso empresarial como pela ênfase filantrópica.

— Ah. É que a sua orientadora tinha-me deixado com a impressão de que tinha sido a Alice a sugerir a Durand para o estudo — disse ele.

— Posso ter sido. Sou licenciada em negócios — disse ela, encolhendo os ombros. — A Durand Enterprises é um dos negócios mais bem-sucedidos do mundo.

Ele tirou os óculos, o olhar acutilante.

— Tem alguma pergunta para me fazer? — perguntou, depois de uma pausa em que Alice teve de se obrigar a não se contorcer na cadeira.

— Quantas pessoas vão ser escolhidas como monitoras no Campo Durand?

— Quinze. Tentamos manter a proporção entre campistas e monitores tão baixa quanto possível, ao mesmo tempo que oferecemos bolsas de estudo ao maior número possível de miúdos. Os números de novos participantes são mais ou menos fixos, mas os campistas repetentes têm de manter um registo criminal limpo e passar vários testes aleatórios de drogas, se tiverem historial, para além de manter uma média de notas aceitável. Como provavelmente sabe, o campo concentra-se em miúdos de idades entre os 13 e os 18. Cada monitor, de um modo geral, tem uns dez miúdos na sua equipa.

— Então, apenas nove monitores conseguem entrar na Durand — refletiu ela. — Julga honestamente que este tipo de cenário, um campo de férias nas margens do Lago Michigan durante três semanas, dá *mesmo* à Durand a informação necessária para contratar executivos de excelência? — perguntou num tom cético. — Parece um pouco — *disparatado*, pensou na privacidade do seu cérebro — estranho esperar que alunos de escolas de negócios tenham a experiência necessária. Não somos animadores sociais, nem professores. Nem *babysitters*.

Fall lançou-lhe um olhar rápido quando ela balbuciou a última palavra em surdina.

— Não se espera que sejam nenhuma dessas coisas. Bem... talvez professores, mas não no sentido clássico da palavra. Existe pessoal regular e experiente no Campo Durand: supervisores que estão nas instalações vinte e quatro horas por dia. É verdade, porém, que os monitores desempenham um papel crucial na experiência do campista. Os monitores da Durand são, essencialmente, a face da liderança e o apoio para cada campista individual. Oferecemos uma semana de formação aos monitores, para eles saberem o que devem esperar. O programa de formação é semelhante a muitos retiros utilizados por empresas de todo o mundo para desenvolver competências de liderança. Mas isso é só o começo. É quando os miúdos chegam que o desafio começa realmente. O que é necessário para se ter sucesso como monitor, e como executivo na Durand, é uma grande medida de ingenuidade, liderança, competências sociais e humanidade. Estas são qualidades que não conseguimos medir adequadamente num currículo, em cartas de recomendação, que são quase sempre altamente abonatórias, e numas poucas entrevistas. O Campo Durand para nós funciona, por muito pouco convencional que possa parecer. Tem funcionado ao longo de décadas. Os candidatos a executivos estão sob observação constante durante quatro semanas: uma de formação e as outras três com as crianças. Têm um horário pesado. Considera-se que estão ao serviço desde as sete e meia da manhã até às nove da noite, quando o pessoal vigilante noturno assume o seu lugar. Espera-se que trabalhem aos sábados até às três, apenas com os domingos de folga. Não basta gabarem-se de qualidades de liderança, planeamento, inteligência, inovação, persuasão, compaixão, determinação, trabalho duro e coragem: os monitores têm de *demonstrar* essas competências diariamente com um grupo de crianças, algumas das quais foram

rotuladas como criminosas, não cooperantes, manipuladoras, preguiçosas ou inacessíveis. É muito mais difícil do que parece à primeira — disse ele, o seu tom brando em contraste direto com o olhar perfurante.

— Então, é o que eu disse. A Durand combina a filantropia... não, *usa* a filantropia para otimizar o lucro.

O sorriso que ele fez foi de lábios cerrados, cortante... perigoso.

— Sim, compreendo. É assim que quer ver as coisas — disse, como que para si mesmo, não soando nada preocupado com o pessimismo dela, enquanto se recostava na cadeira. O seu olhar fê-la sentir-se como se fosse um pedaço de madeira que ele estaria a ponderar transformar num projeto. Era um olhar frio, afiado como uma lâmina, e Alice não percebeu porque é que a fazia suar tão intensamente.

— Teria objeções em aceitar uma posição numa organização tão aparentemente mercenária? — perguntou ele.

— Não — replicou ela sem pestanejar.

As sobrancelhas escuras arquearam-se.

— Ah. Então também é um pouco mercenária.

— Isso não sei. Não sou estúpida, se é isso que quer dizer.

Ele soltou uma gargalhada seca.

— Ninguém a pode acusar de estupidez — replicou, com um rápido olhar para os papéis espalhados pela secretária. Levantou-se abruptamente. Alice ergueu-se de um salto, como se tivesse estado sentada sobre molas. — Isto foi bastante esclarecedor. — Estendeu-lhe a mão. Ela apertou-a. — Tomaremos a nossa decisão a respeito dos finalistas para o Campo Durand nas próximas duas semanas. As faculdades da área de Chicago eram a última paragem na volta de recrutamento de Sebastian Kehoe. Depois voltaremos a contactar.

— Claro.

Viu os relâmpagos nos olhos dele. Fez uma careta. Não pretendia soar sarcástica, mas reconheceu que o fizera. Bem, pelo menos aquele fiasco chegara ao fim. Agora tinha toda a valiosa experiência de entrevistas que poderia desejar. Depois de Dylan Fall, qualquer coisa seria canja. E ela tinha um futuro cheio de entrevistas antes de encontrar um emprego novo e realista.

Provavelmente, um entediante emprego como estagiária a fazer tarefas rotineiras, tendo em conta o atual mercado de trabalho.

Virou-se para sair.

— Alice.

Estacou abruptamente, quando ia levar a mão à porta. Não se importou com o facto de estar a olhar por cima do ombro com alguma medida de ansiedade. Era difícil não ansiar por cada olhar que pudesse obter de Dylan Fall. Apesar de ele a intimidar, era uma visão e peras.

— Conheço um homem... que é, por acaso, membro do conselho de administração da Durand... que cresceu no bairro de Austin, na zona oeste de Chicago — disse Fall. — Conhece esse bairro?

Ela estudou-o atentamente, a tentar perceber o objetivo daquilo mas sem conseguir.

— Sim. É um dos piores da cidade.

— Pior do que Little Paradise.

Ela mal conseguiu reprimir um ronco de troça. O sr. CEO Elegante e Fabuloso, no seu imaculado fato italiano, tinha muita lata, quando presumia saber alguma coisa de Little Paradise. Ele reparou no seu olhar de desdém, porque as sobranceiras ergueram-se numa muda, contundente, interrogação.

— Não há nada pior do que labregos urbanos, sr. Fall — explicou com um pequeno sorriso apoloético. — Não sei o que é que conhece exatamente de Little Paradise, mas essa é uma muito boa descrição de quem vive naquele parque de caravanas. Ou antes, naquela lixeira gigante.

Tentara falar num tom ligeiro. Mas só devia ter soado irreverente, porque ele parecia muito sério.

— O que eu quero dizer é que a Durand não oferece filantropia a miúdos necessitados só para obter publicidade e depois abandona-os nas ruas e esquece-os. O homem de que estou a falar saiu dessas fileiras, tendo entrado no Campo Durand quando tinha doze anos. A formação de pessoas não é uma filosofia vazia na Durand. Queremos os melhores, não importa de onde eles venham.

Alice percebeu tardiamente que se virara e o estava a olhar agora de frente. Atenta. Desconfiada.

Esperançosa.

Contra a sua vontade, o seu olhar desceu pela camisa branca como a neve e a gravata de seda azul. Uma imagem vívida e chocante surgiu de repente na sua cabeça: os seus dedos a introduzirem-se por baixo daquele algodão engomado e a encontrarem pele quente, a palma a deslizar contra os contornos de osso e músculo denso e firme.

Observou-lhe as mãos.

Só a ideia de aquelas mãos lhe deslizarem pela pele fez com que os seus pulmões parassem de funcionar.

Aposto que ele conseguiria tocar-me na perfeição. Parece mesmo saber usar o corpo de uma mulher. Aposto que me faria coisas que nunca sequer imaginei.

Eram pensamentos completamente inapropriados, mas aquilo não detinha a sua reação instintiva. O desejo percorreu-a como um choque na carne, deixando no seu caminho um rasto de calor. Comprimiu as coxas, como que para conter aquele fogo inesperado.

Talvez fosse porque os poucos amantes que tivera anteriormente lhe pareciam de súbito jovens e desajeitados, em comparação com Dylan Fall.

O seu olhar saltou, culpado, de volta para a cara dele. Viu-o de sobrancelhas perigosamente inclinadas, mas também ele parecia... *sobresaltado*? Os olhos dele dardejavam pelo seu corpo, como os dela tinham feito. Encolheu ligeiramente os ombros ao sentir a pele dos seios arrepiar-se, comprimindo-lhe os mamilos contra o sutiã.

Toda aquela cauterizante interação não-verbal durou três efémeros segundos.

Cerrou a mão quando reconheceu que baixara a guarda.

— Fico feliz pelo seu amigo. Mas *eu não sou um projeto de caridade* — disse.

— Ele também não era.

Alice estremeceu um pouco perante a perfurante autoridade da resposta. Dylan Fall era um pouco assustador, naquele momento.

— Voltaremos a contactá-la — repetiu ele, baixando o olhar para a secretária com uma expressão concentrada, e ela soube que imaginara não só aquela rápida centelha de desejo mútuo como também a fria e clara fúria de Dylan Fall perante a sua lamentável amostra de insubordinação.

D O I S

SETE SEMANAS MAIS TARDE

A primeira coisa em que o olhar de Alice se prendeu quando chegou ao Campo Durand foi a mansão vitoriana de pedra pálida e ornada que se agigantava por cima deles. Erguia-se, talvez, uns cento e cinquenta metros acima da beira de um promontório rochoso que caía dramaticamente sobre o que Alice supôs ser uma praia no lago Michigan. Não conseguia ter a certeza, com todas as árvores e folhagem que bloqueavam a visão imediatamente na frente da limusina em movimento lento em que estava a chegar.

O seu ávido olhar sobre a mansão foi desviado por uma breve visão de pele bronzeada e reluzente e músculos fletidos. O objeto da sua atenção tinha por volta de um metro e oitenta e dois, cabelo dourado cheio de ondas. Era, definitivamente, um atleta com aquele corpo. Estava a ajudar outro rapaz a pendurar uma grande faixa que dizia *Bem-vindos ao Campo Durand. Bem-vindos a Casa*, entre dois carvalhos. O forte vento do lago Michigan estava a tornar difícil a tarefa de pendurar o letreiro irrequieto. Alice calculou que fossem também monitores do Campo Durand.

Sim. Fazes mesmo parte deste pequeno grupo de elite. Isto não é um sonho.

Tinha de estar sempre a recordar-se daquilo, mas o seu estado de transe só parecia continuar a amplificar-se, desde que tinham entrado na longa estrada secundária que levava até ao campo.

Poucos segundos depois do culminar da sua entrevista com Fall, já abandonara qualquer esperança de conseguir um lugar no Campo Durand, quanto mais na própria Durand Enterprises. Permitira-se sonhar acima das suas possibilidades, mas, por sorte, não se deixara ficar demasiado presa nos seus sonhos.

Continuara com a sua vida, indo a várias entrevistas para lugares

estáveis e aparentemente entediadas na cidade. Maggie tinha razão numa coisa. O encontro com Fall fizera-a passar de uma entrevistada fraca para uma entrevistada média com qualificações acima da média.

Ela sobrevivera a Little Paradise e à faculdade. Sobrevivera a uma entrevista com Dylan Fall.

Não havia nada que a pudesse assustar.

Quando recebera a chamada de Sebastian Kehoe, duas semanas antes, ficara desorientada.

Kehoe não o dissera, mas, dado o convite tão tardio, calculava que algum dos outros monitores — um dos que *tinham lugar*, efetivamente, no Campo Durand — tivesse recuado no último momento.

— Ali está o Thad Schaefer — disse Brooke Seifert num tom confiante, sentada na frente de Alice, a indicar o tipo fabuloso que estava a pendurar a faixa. Alice instalara-se sozinha no grande assento ao lado da janela na limusina. Brooke Seifert e Tory Hastings, duas outras monitoras no Campo Durand, estavam sentadas na sua frente a tagarelar sobre tópicos de que Alice nada sabia. O que era, justamente, o objetivo: manter Alice à parte.

Naquela manhã, Alice apanhara o metro para o aeroporto de O'Hare para se encontrar com o condutor da limusina e duas outras monitoras do campo. Reparara quase de imediato na muda avaliação de Brooke e Tory quando se apresentara, os olhares frios e ligeiramente incrédulos para os seus calções de ganga gastos, *T-shirt*, botas da tropa, mochila velha e saco de desporto militar. O que não a incomodou nada. Já tirara as medidas a Tory e a Brooke quando o motorista mencionara os seus MBA da costa leste e nomes de miúdas ricas.

Naquele momento, porém, as três raparigas tinham algo em comum. Estavam todas a babar-se com o tipo dourado seminu que viam do outro lado da janela. Alguma coisa no tom possessivo de Brooke implicava que ela o conhecia pessoalmente.

— Que raio de nome é esse, *Thad*? — balbuciou Alice, embora não descolasse o olhar dele nem por um segundo.

— É o diminutivo de Thaddeus, um antigo nome de família — respondeu Brooke secamente. — Estudámos juntos em Yale — disse, a sua voz a adotar um tom íntimo e ligeiramente malicioso, enquanto ela focava a sua atenção em Tory, excluindo mais uma vez Alice. Brooke adquirira Tory como escrava consensual dois minutos depois de se terem

conhecido no aeroporto. Alice revirou os olhos e voltou de novo a atenção para a mansão na colina, como que atraída por um íman. Nunca vira uma casa com tantas cornijas trabalhadas, varandas e torres. Parecia tão bela e *imóvel* ali em cima. Não que uma casa se movesse, claro. Só que as árvores e flores ondulavam à brisa do lago, e as nuvens brancas vogavam contra o céu azul, enquanto a casa em si permanecia insensível ao turbilhão da vida, como se estivesse encantada... congelada no tempo.

— As nossas famílias já se conhecem há muito tempo. O meu pai estudou com o juiz Schaefer, o pai do Thad — estava Brooke a dizer à sua nova melhor amiga, Tory.

— Quem é que vive na casa grande? — perguntou Alice.

Brooke soltou um mudo som de aborrecimento por ter sido interrompida, mas não devia conseguir conter-se de exhibir o seu conhecimento privilegiado.

— Chamam-lhe Castelo Durand, em Morgantown — disse Brooke, referindo-se à cidade do Michigan ali próxima onde estava instalado o quartel-general e várias fábricas e armazéns da Durand Enterprises. A empresa empregava mais de cinquenta por cento da população de Morgantown. — E é onde o sr. Grande Brasa vive, claro — disse Brooke com um ar presunçoso, enquanto o carro abrandava.

Alice virou-se. O sr. Grande Brasa só podia significar um homem.

— Dylan Fall? Vive no campo de férias?

— Isto não é só um campo de férias. É a propriedade Durand. Não é propriamente como se ele tivesse campistas a mexerem-lhe nas gavetas ou a enfiarem-se na sua piscina — disse Brooke, de sobrolho franzido. — A propriedade é enorme. Tem dois campos de golfe, estábulos, várias piscinas, bosques, uma marina, quilómetros de percursos pedestres, cortes de ténis, e jardins, e só estou a falar dos *privados*, não os designados para o campo. Embora Fall partilhe muito generosamente os estábulos, cortes de ténis e um dos campos de golfe com os campistas, pelo que ouvi dizer. O meu pai jogou aqui golfe com alguns dos gestores da Durand, em tempos, e ofereceram-lhe uma visita à propriedade — acrescentou, virando-se para Tory.

— Nós vamos lá... Ao castelo, quero eu dizer — comentou Tory. — Algumas vezes. Vai haver um jantar na última noite da formação, antes de os miúdos chegarem, e há outros eventos marcados lá em cima, ao longo das semanas. Estava no calendário que nos enviaram. Então... o que é que estavas a dizer sobre o Thad Schaefer? — perguntou.

Alice absorveu em silêncio esta notícia perturbadora enquanto o carro entrava num parque de estacionamento e Brooke retomava a sua conversa de convencida. Também lera a respeito dos eventos na documentação que Sebastian Kehoe lhe endereçara. Pensara que o termo *Castelo Durand* era uma espécie de nome pomposo para o quartel-general do campo de férias, ou coisa do género. Nem por um segundo imaginara que fosse a *casa* de Dylan Fall.

— Os Schaefers organizaram uma grande festa em nossa honra, minha e do Thad, quando soubemos da notícia — estava Brooke a dizer. — É a primeira vez na história de Yale que selecionaram *duas pessoas* da escola de gestão para o campo Durand. Normalmente a Durand seleciona apenas um. Eu e o Thad odiámos ter de competir pelo lugar. Podes imaginar como toda a gente ficou contente quando soubemos que tínhamos entrado os dois.

Claro. Houvera celebrações e foguetes por todo o mundo WASP¹ conhecido.

— *Dois!* — exclamou Tory, extasiada. — Eu fui a primeira selecionada em Brown nos últimos três anos.

— Eles tentam equilibrar as coisas entre as grandes escolas de negócios e depois deixam alguns lugares para... estás a ver... Possíveis casos isolados, casos únicos — explicava Brooke pacientemente de uma forma que deixou Alice a ranger os dentes.

— Pelo menos sou única — disse Alice, abrindo a porta do carro assim que este parou.

— Oh, és *especial*, de facto — ouviu Brooke dizer nas suas costas enquanto saía para o chão de gravilha. Atirou com a porta para deter o som dos risos abafados que vinham do interior. Brooke e a sua lacaia deviam querer que o motorista lha abrisse, de qualquer maneira.

As duas últimas horas naquele carro tinham sido uma autêntica tortura. Não eram um bom prenúncio para as quatro semanas que tinha pela frente. Talvez tudo aquilo fosse mais um pesadelo do que um sonho.

Pendurou a mochila ao ombro e acenou ao motorista, que estava a sair do carro. Apresentara-se anteriormente como Todd Barrett.

— Eu levo as malas para o campo — disse Todd num tom amigável.

¹ Abreviatura de *White Anglo-Saxon Protestant*, termo usado normalmente em sentido pejorativo para designar uma classe privilegiada e influente nos EUA, constituída por brancos de origem anglo-saxã. N. da T.)

Fez uma pausa. — As cabanas e o refeitório são ao fundo daquele caminho, mesmo do outro lado do bosque — disse, apontando. — Se quiser dar uma vista de olhos, siga por ali. Pode ver a cabana principal por entre as árvores.

— *Okay*, obrigada — balbuciou, embaraçada por alguma coisa no tom de voz do motorista lhe dizer que ele reparara no seu estatuto de «excluída» junto de Brooke e Tory durante a viagem e sentira pena dela.

Os tipos que estavam a pendurar a faixa tinham subido para uns escadotes. Quando Alice se aproximou lentamente, uma forte rajada de vento do lago empurrou de súbito o tipo moreno e arrancou-lhe o letreiro das mãos. O material colou-se contra o seu peito e cara. Ele fez um sufocado som de surpresa e aflição e cambaleou sobre o escadote, cego. A mão com que segurava o martelo agitou-se no ar, enquanto ele tentava agarrar-se com a outra. Alice soltou a mochila, correu, voou pelos primeiros três degraus do escadote acima e agarrou-o pela cintura.

— Uoou, aguenta-te. Já te agarrei — disse. Quando ele se conseguiu equilibrar, Alice ajudou-o a descolar a faixa da cara. Ele olhou em volta, os olhos escuros gratos e surpreendidos.

— Dave, estás bem? — exclamou alguém.

Alice olhou para o lado e viu o tipo que tinham estado a cobiçar da limusina a correr na sua direção, a outra ponta da faixa e um martelo nas mãos. Dave parecia ter recuperado o equilíbrio. Ela soltou-o e voltou a descer para o chão.

— Está um vento forte como o raio — disse David, ainda incrédulo, seguindo-a pelo escadote abaixo.

— Se calhar era melhor pendurarem isso a favor do vento — sugeriu Alice delicadamente, apontando para duas árvores alternativas. — Eu sei que os miúdos não a vão ver quando chegarem, na próxima semana, mas podem vê-la quando forem a caminho das cabanas.

Thad riu-se.

— O cérebro do grupo — disse, apontando com um polegar para Alice. — Estou a ver que Harvard te ensinou tudo exceto bom senso — disse para Dave.

— Como se não estivesses a fazer a mesma burrice. Eu só fiz o que o Sebastian nos mandou. Supostamente, era também para dar as boas-vindas aos monitores, mas o Sebastian e a equipa dele não a penduraram a

tempo — explicou Dave, agarrando com mais força na ponta da faixa que abanava loucamente. Depois sorriu, e Alice percebeu que ele era mesmo muito atraente, de uma forma calma, reservada e inteligente. — Então... bem-vinda. E obrigado, já agora — disse a Alice, estendendo-lhe a mão. — Dave Epstein. E este é o Thad Schaefer.

— Alice Reed — apresentou-se ela, apertando primeiro a mão de Dave.

— Tens reflexos rápidos — disse-lhe Thad quando trocaram um aperto de mão. — Gosto disso numa mulher.

Dave soltou um ronco de troça. Alice revirou os olhos e sorriu, porque Thad Schaefer estava claramente a brincar. Ele tinha uma tatuagem de um tubarão a saltar num bíceps e uma mancha de lama num saliente músculo peitoral. Os olhos verdes eram calorosos e amigáveis. Não lhe parecia um clone masculino de Brooke, ou, pelo menos, foi a sua primeira impressão.

— A sério — continuou ele quando ela lhe soltou a mão. — Gosto de pessoas rápidas, de uma forma geral. Pelo menos, quando estou aqui. O Sebastian encarregou-me do futebol, natação e vela. Queres ajudar-me a treinar futebol? És monitora Durand, não és? Vocês as três foram as últimas a chegar. Temos estado à vossa espera — disse, acenando para o automóvel. O motorista estava a retirar as malas do porta-bagagem, e Brooke e Tory andavam ali às voltas, a lançar olhares de relance na sua direção, Tory a afastar o longo cabelo comprido da frente da cara.

— Ei, pensava que *eu* é que ia treinar o futebol contigo — disse Dave, de sobrolho franzido.

— Isso foi antes de eu a ver — replicou Thad.

Dave fez um subtil gesto de encolher os ombros, como quem diz «OK, eu percebo». Alice riu-se. Não conseguiu deixar de se sentir lisonjeada. Thad não dissera aquilo de uma forma grosseira ou lasciva. Soava honesto e terra a terra, e apenas simpático. Os dois homens pareciam completamente à vontade um com o outro, e essa bolha de conforto parecia expandir-se de alguma forma para a incluir. Era mesmo aquilo de que precisava, depois de ficar sentada naquele carro durante horas com Brooke a dar-lhe cabo dos nervos.

— Mesmo assim, não é justo recrutá-la antes de qualquer outra pessoa ter hipótese de o fazer — insistiu Dave. — És boa no tiro com arco?

— Não sei — disse Alice. — Mas tenho muito boa pontaria com uma pedra.

— Vamos querer saber porquê? — riu-se Thad.

— Provavelmente não.

Ele tinha uma covinha na face direita e um lindo sorriso.

— Não sou nada de especial no futebol, mas gosto de correr. E, ah... *sim*, sou monitora Durand — continuou, hesitante, respondendo às perguntas anteriores de Thad.

— Não pareces muito segura disso — comentou Thad.

— Sinto-me um pouco estranha por ser monitora num campo de férias, acho eu. É um sistema extraordinário, o que têm aqui — disse ela.

— Se consideras um sistema extraordinário ficar sob o microscópio durante um dia de trabalho de quase catorze horas — disse Dave baixinho. Alice trocou com ele um olhar de muda compreensão. Os funcionários da Durand estariam a vigiá-los constantemente, enquanto ali estivessem, a observar como reagiam ao *stress*, a anotar quem estava à altura dos desafios e quem não estava.

— Bem, eu tenciono divertir-me um bocado, enquanto cá estou — disse Thad. Dave fez-lhe um olhar de ceticismo. — Ninguém disse que não posso trabalhar muito e divertir-me ao mesmo tempo — argumentou.

— Falas como um verdadeiro executivo da Durand — replicou Dave com divertido sarcasmo.

— Só estou um bocado nervosa por causa dos miúdos — admitiu Alice honestamente. — Não entendo muito bem a relação entre ser um executivo na Durand e fazer *baby-sitting*.

— Talvez a verdadeira questão seja saber a relação entre ser um executivo da Durand e um guarda prisional, ou agente de liberdade condicional... — comentou Dave. — Espero que não soe demasiado pessimista por dizer isto, mas o Sebastian Kehoe estava há uns minutos a dizer-me a mim e ao Thad que alguns dos nossos doces futuros protegidos têm múltiplos registos de detenções.

— Provavelmente estava só a exagerar — disse Thad, encolhendo os ombros.

— Não creio — replicou Alice. Sentiu o olhar de Thad a tornar-se mais penetrante, mas não pestanejou. Ela própria tinha uma ou duas pequenas detenções no seu registo, ambas adquiridas antes de fazer

dezassete anos. A polícia rondava constantemente por Little Paradise. Alice nunca poderia alegar ter sido um anjo, na sua adolescência, mas era o mesmo que acontecia com a maior parte dos miúdos. A diferença é que, em Little Paradise, havia uma muito maior probabilidade de se ser apanhado a fazer alguma coisa suspeita. Nunca mais se metera em sarilhos desde que se mudara para Chicago e fizera o bacharelato e licenciatura. Mas era difícil viver em Little Paradise, ser filha de Sissy Reed, e não ter nenhum problema com a lei. Imaginou que a maioria dos miúdos que chegariam em autocarros de Chicago e Detroit dentro de uma semana deviam vir de cenários semelhantes.

Desviou o olhar de Thad quando Tory e Brooke se aproximaram. Esta guinchou o nome de Thad e voou para os seus braços, as pontas dos dedos a demorarem-se nos densos músculos dos seus ombros e costas. Alice reparou com sombrio divertimento que o abraço dela era muito mais entusiasmado do que o de Thad, superficial. Mas, em abono da justiça, talvez isso se devesse ao facto de ele estar ao mesmo tempo a segurar uma faixa abanada pelo vento e um martelo.

Thad e Brooke fizeram as apresentações.

— Dave Epstein. — Brooke pensou por um momento enquanto apertava a mão de Dave. — Não andaste com o Thad na secundária em Choate Rosemary Hall?

— Sim. Na maior parte dos dias, pelo menos... quando o Thad não se estava a baldar às aulas para ir pescar em Thimble Island com o barco do pai, ou a dormir, de ressaca — brincou Dave com um meio sorriso.

Thad pareceu pronto a defender-se, mas depois limitou-se a encolher os ombros.

— Se não fosse o Dave a obrigar-me constantemente a estudar na secundária, o mais provável era eu ter acabado como pescador, em vez de estar aqui convosco. Não, esqueçam lá isso. O mais provável era ser apenas um vagabundo num barco — emendou Thad, os olhos a cintilar com humor, enquanto olhava de relance para Alice. — Sou um péssimo pescador.

Alice riu-se.

— Sim, acredito mesmo — disse Brooke, a rejeitar automaticamente a brincalhona modéstia de Thad. Lançou um breve olhar carrancudo a Alice e depois outro olhar de lado, avaliador, a Dave, antes de se concentrar de todo o coração em Thad. Alice não ficou

surpreendida ao descobrir que não era a única que Brooke não considerava digna de atenção. Até Tory parecia ter-se tornado invisível, na presença de Thad.

— Aí vem o Sebastian Kehoe — disse Dave a Tory e a Alice baixinho, depois de terem conversado mais alguns minutos.

Alice olhou na direção que Dave indicara, curiosa e um pouco ansiosa por estar prestes a conhecer o vice-presidente para os recursos humanos da Durand. A posição de Kehoe era tão importante na empresa que ele pertencia à administração da Durand — outro exemplo do quase obsessivo empenhamento da empresa em contratar e desenvolver gestores de excelência. Os outros monitores teriam conhecido Kehoe durante as suas entrevistas. Alice era a exceção. Uma outra razão para sentir que estava a começar dois passos atrás da linha de partida.

Sebastian Kehoe seria o seu chefe durante as próximas quatro semanas. Se não ficasse bem vista por ele, nunca teria hipótese de ser candidata a uma posição na Durand. O cabelo grisalho de Kehoe colocava-o perto dos cinquenta, mas parecia mais novo por causa de um rosto relativamente isento de rugas, uma estrutura alta e magra, roupa desportiva de aspeto caro e um passo vigoroso. Dava a impressão de estar em forma e cheio de energia, mas de uma forma composta e meticulosa. Alice imaginou que devia ser do tipo de pessoa que nunca falha na sua dieta rica em proteínas e pobre em hidratos de carbono e no exercício diário e ritualístico.

— Brooke, Tory, que bom ver-vos. Bem-vindas ao Campo Durand — cumprimentou Kehoe, aproximando-se e apertando-lhes as mãos. — E esta deve ser a Alice Reed.

— Sim, senhor, prazer em conhecê-lo, finalmente — disse Alice, e estendeu-lhe a mão. Só tinham falado brevemente ao telefone, quando ele lhe ligara para lhe oferecer um lugar no Campo Durand.

— E teremos oportunidade de nos conhecermos melhor — disse Kehoe num modo amigável, mas Alice reparou no seu olhar avaliador e curioso. — Nunca tinha acontecido não conhecer previamente um candidato. Mas o sr. Fall falou-me tão bem de si que soube que se ia integrar muito bem.

As palavras dele pareceram vibrar e ficar a rodopiar no vento que os rodeava a todos, talvez porque o oposto da declaração de Kehoe pareceu óbvio a toda a gente, incluindo a Alice.

— Conheces Dylan Fall? — perguntou Thad, sem disfarçar o assombro na sua voz.

— Não — apressou-se a garantir. Virou-se ansiosamente para Kehoe. Os olhos deste estavam fixos nas suas pernas nuas, mas saltaram-lhe de imediato para o rosto. *Ele está a tentar perceber por que raio Fall falou bem de ti.* Foi percorrida por um assomo de irritação quando percebeu que Kehoe pensava que podia ter a ver com as suas pernas... ou com qualquer outra parte do seu corpo que não o cérebro. — Quero dizer, sim — balbuciou. — Foi o sr. Fall que me entrevistou para o lugar no Campo Durand. O sr. Kehoe estava doente.

Dave assobiou baixinho, como que impressionado. Brooke parecia revoltada.

— Chame-me Sebastian, por favor, Alice — disse Kehoe um pouco bruscamente. Teria ele reparado no assobio de Dave e no tom de reverência de Thad ao mencionar o nome de Dylan Fall? Alice ficou com a impressão de que a aberta admiração dos jovens por Fall o aborrecera. — E vamos ter bastantes oportunidades para nos conhecermos aqui. Todos nós. No final da formação e do campo em si, vão conhecer-se tão bem como aos vossos melhores amigos e até alguns membros da vossa família. Talvez ainda melhor. O grupo de gestores que contratamos no Campo Durand todos os anos continuam muito unidos ao longo da vida, tudo por causa do que acontece aqui, neste lago e nestes bosques — disse Kehoe.

Alice obrigou-se a fazer uma expressão polida e interessada. Quando Kehoe falava do Campo Durand, lembrava-a, por qualquer razão, a evangelização para um culto. Dylan Fall podia ter sido irritantemente confiante, mas nunca lhe dera *aquela* particular impressão do Campo Durand ou da Durand Enterprises. Fall era flagrantemente independente, demasiado independente para poder ser considerado um drone da empresa.

— Estão a ter problemas com a faixa, vocês os dois? — perguntou Kehoe.

— Só porque a estávamos a pendurar contra o vento. A Alice teve a amabilidade de nos fazer notar a nossa idiotice e disse-nos para a pendurarmos na direção este-oeste — explicou Thad, parecendo achar graça à sua própria estupidez. Alice gostou ainda mais dele por isso.

— O vento tem estado involgarmente mau, desde ontem — admitiu

Kehoe. — Foi por isso que não o pendurámos para a vossa chegada. Vamos ter tempo suficiente para o fazer esta semana, antes de os miúdos chegarem. Pomos sempre o letreiro de boas-vindas entre aquelas duas árvores, para os campistas o verem assim que chegam. É uma tradição do Campo Durand — disse Kehoe, cortando cerce o conselho de Alice. *Como se isso interessasse*, disse-se ela a si própria. Precisava de superar a ideia de que não devia estar ali. Tinha as qualificações necessárias e fora contratada para o trabalho como todos os outros. E, talvez mais importante, a partir desse dia estaria a receber uma inimaginável quantidade de dinheiro.

Por esse salário e a possibilidade de um outro ainda maior no futuro era capaz de aguentar muita coisa.

Thad e Dave começaram a enrolar a faixa de vinil. Alice deu um passo em frente para os ajudar, segurando nos martelos que ambos tinham numa mão.

— Vamos para a cabana principal, para eu vos apresentar aos outros e podermos almoçar. Os dez outros monitores estão à nossa espera. Temos muitas coisas para fazer esta tarde: conhecermo-nos uns aos outros, a visita ao campo, instruções para o calendário da formação, uma introdução geral à filosofia do nosso campo e como as nossas aulas e atividades a demonstram — disse Kehoe, como se estivesse a debitar uma lista mental. — Espero que já tenham ficado com muito boas luzes de tudo isto pela documentação que vos mandei, mas agora vão começar a ver os princípios a ser postos em prática. Normalmente, temos dez gestores da Durand a trabalhar aqui como voluntários todos os anos. Mas este ano escolhemos doze. Descobrimos que isso ajuda os funcionários a lembrar as origens e diretivas filantrópicas da Durand — explicou Kehoe, enquanto Dave enfiava a faixa enrolada debaixo do braço e Thad vestia a camisa.

Alice olhou de relance para Dave e leu a mensagem retorcida nos seus olhos escuros.

E também não faz mal nenhum ter mais pessoal da Durand a espiar-nos, claro.

Suprimiu o pequeno sorriso, adivinhando o seu pensamento.

— Além disso, temos de distribuir as cabanas. Os companheiros de quarto são sorteados — disse Kehoe, enquanto começava a descer o caminho e todos o seguiram. — Acho que vão ficar contentes com as

cabanas, aliás. O sr. Fall mandou renová-las no outono passado. Até as cabanas das equipas são extremamente confortáveis.

Alice escutava e observava toda a gente com atenção, enquanto Tory ia perguntando como eram formadas as equipas.

— Os campistas veteranos voltam à equipa da mesma cor. Quantos aos novos, depois de vos observarmos durante o período de formação e estudarmos a avaliação dos nossos psicólogos sobre as forças e desafios de cada campista, eu e os outros diretores designamos as equipas em que ficarão, no final da semana — explicou Kehoe rapidamente, conduzindo-os para a clareira que ficava na frente de um bonito edifício moderno, no género de um pavilhão de montanha. — Será o sr. Fall a dar-vos a vossa lista de campistas e os seus processos, para além de designar a cor da vossa equipa no jantar que teremos no castelo, na última noite da vossa formação.

Alice sabia pela documentação que recebera que as equipas se envolviam numa competição amigável que culminava no final do campo de férias. Cada equipa e cada criança sem exceção era premiada e louvada por algo significativo, mas a entrega do troféu do Campeonato de Equipas do Campo Durand era um evento especial. Todas as equipas recebiam pontos que, ou eram conquistados pela vitória numa competição ou no cumprimento de algum objetivo para a equipa, ou podiam ser obtidos por mérito, atribuídos por Kehoe ou outros gestores com base no desenvolvimento de uma característica e em excelência individual.

Ela teria pensado que tudo aquilo soava um pouco rígido e militarista demais para o seu gosto, não fossem as fotos onde vira miúdos de várias idades, sorridentes, enquanto jogavam polo aquático, pilotavam barcos à vela, montavam a cavalo ou pintavam em cavaletes dispostos numa praia de areia branca. O pacote de informações que Kehoe lhe enviara tinha deixado uma coisa evidente: esperava-se que os monitores da Durand oferecessem a estes miúdos os melhores dias da sua vida. Tudo o que acontecia no campo Durand tinha de ser maravilhoso, porque a experiência destinava-se a expandir os horizontes empobrecidos das crianças, encorajá-las a ansiar por mais, a esperar coisas boas para si, para as outras pessoas, para a vida em geral.

Uma organização com esse objetivo não podia ser assim tão má, pois não?

Sentiu uma comichão na face direita enquanto subiam as escadas

do pavilhão e virou-se para deparar com Brooke a estudá-la, com os olhos semicerrados.

Alice endireitou a coluna e desviou o olhar. Mais valia preparar-se. Brooke Seifert ia fazer todos os possíveis para garantir que Alice era uma das primeiras monitoras a ser riscada da lista de funcionários da Durand.

E, por pura teimosia, Alice estava igualmente determinada a fazer com que Brooke falhasse nessa tarefa.

— Só por curiosidade, qual é o traje para o jantar no castelo, Sebastian? — perguntou Brooke.

— Semiformal.

Brooke lançou um olhar triunfante a Alice enquanto começavam todos a entrar pelas portas do pavilhão. Apesar da sua determinação, Alice sentiu-se esmorecer. Brooke *percebera* que ela não devia ter nada «semiformal» no seu velho saco de desporto.

Nada, certamente, adequado para usar no castelo do príncipe situado no alto da colina.

A semana de formação passou a voar, num turbilhão de atividades, desafios e reuniões. Esperava-se que cada monitor completasse todas as atividades em que liderariam os campistas. Para além disso, tinham de aprender como instruir os campistas nas várias tarefas com segurança e adquirir as estratégias psicológicas para o fazer.

Alice notabilizava-se em tudo o que envolvia estratégia, força física, inovação, resistência mental e física e na maior parte dos aspetos do trabalho de equipa. Sabia com toda a clareza — e percebia, com desânimo, que Sebastian Kehoe e os vários outros gestores também sabiam — que tinha dificuldades significativas no que dizia respeito ao conhecimento básico de algumas atividades, como aulas de nutrição e culinária, técnicas de oratória ou expressão artística.

E a sua maior falha? Confiança dos seus pares. Confiança em todo o processo do campo Durand. Em parte, adorava estar naquele fabuloso cenário natural, testar a sua força pessoal, jogar jogos e estabelecer laços com alguns dos seus colegas monitores.

Outra parte permanecia observadora mas distante. Cautelosa. Dava-se muito bem com Dave Epstein porque ambos tinham essa característica em comum. Thad também se tornara rapidamente um amigo,

mas Thad era demasiado simpático para alguma vez ser tão cínico e vagamente divertido por todo o processo como ela e Dave. Thad nunca hesitava em lançar-se para o âmago das coisas. Também nunca vacilava no seu plano declarado no primeiro dia: o de se divertir. Ela invejava e respeitava a sua animação, otimismo e energia.

Alice teve a certeza que a iam mandar para casa na tarde em que foi emparelhada com Brooke Seifert numa íngreme e traiçoeira descida de *slide*. Porque é que alguém haveria de querer abandonar a solidez do chão e voar sobre o dossel da floresta pendurada por um fino arame era coisa que nunca conseguira perceber.

Tal como aconteceria com os campistas, os monitores foram agrupados de acordo com a sua experiência. Brooke já fizera aquela atividade várias vezes, por isso foi considerada a «experiente». Tinha como tarefa instruir e encorajar Alice, que foi designada como a «noviça».

Só que Alice não era apenas uma noviça. Ela tinha também pavor das alturas.

Quando era muito pequena, sofrera uma queda grave e acordara no hospital. Não se lembrava do acidente — nem de nada do que acontecera antes de acordar naquela cama de hospital. No entanto, desde essa altura, o seu estômago e o seu cérebro tinham vontade própria quando os pés se afastavam demasiado do chão. Claro que ela escondera tudo isso de Sebastian Kehoe quando ele lhe fizera algumas perguntas na introdução à atividade.

Se campistas de treze anos conseguiam fazer o *slide*, ela também conseguia.

Mas ter Brooke a encorajá-la? Que piada. Preferia enfrentar aquela tarefa sozinha, muito obrigada.

Apesar da sua determinação, já estava rígida de ansiedade e com tonturas quando subiram para a demasiado débil plataforma de madeira suspensa a treze metros do chão. Mas mantivera-se firme. Até...

— Olha ali — sussurrou Brooke quando Jessica Moder, a gestora da Durand responsável por elas, se virou para ajustar o seu equipamento. Alice olhou instintivamente para onde Brooke apontara, e a vertigem atingiu-a como um *tsunami* quando olhou diretamente para o chão da floresta. Com a vista enevoada, registou, muito em baixo, Sebastian Kehoe a conversar tensamente e a gesticular para um gestor da Durand alto e com corte de cabelo militar e uma cara que parecia talhada de uma

rocha. Alice encheu-se de suores frios. O dossel de folhas era um borrão na sua vista, e mal teve forças para desviar o olhar da horrível queda até ao chão da floresta.

— Aquele gestor, o Sal Rigo, é horrível — balbuciou Brooke em surdina. — Acho que o Kehoe lhe está a dar uma bronca por estar sempre a escapar-se às suas tarefas. É bem feito. — Brooke virou-se para sorrir alegremente a Jessica, que vinha agora a aproximar-se dela com um arnês. — Estava a contar à Alice como fiquei na nervosa na minha primeira vez, mas depois foi fantástico demais — explicou Brooke a Jessica com animação. A conversa fez com que esta não reparasse na palidez de Alice e na forma como estava quase vomitar o conteúdo do seu almoço, mas isso foi apenas um acaso. Alice sabia perfeitamente que Brooke fizera de propósito. Fora uma idiota por lhe ter dado ouvidos e olhado para baixo.

Alice foi primeiro, as açucaradas palavras Brooke a garantir a segurança da atividade a ressaltar nela sem a penetrar. Que lhe interessava Brooke e os seus estúpidos lugares-comuns quando estava presa àquela enghoca mortal?

— Estás pronta, Alice? — perguntou Jessica suavemente.

— Tanto quanto possível — replicou ela, sombria. Conteve a respiração.

Depois estava a voar sobre as árvores, o estômago parecendo ter ficado para trás com Jessica e Brooke na plataforma. Um enorme vácuo ocupava agora o seu lugar dentro da barriga. Ela tinha a certeza absoluta que ia cair e morrer a qualquer momento, mas pior do que tudo isso era a ideia de mostrar fraqueza na frente de Brooke ou de qualquer um dos gestores da Durand.

Reconheceu vagamente o rosto sorridente de Thad Schaefer na plataforma seguinte, mas estava demasiado atordoada de terror para conseguir identificar as outras pessoas que a aguardavam de braços estendidos.

Ajudaram-na a soltar-se do arnês, mas Alice estava a ter dificuldade em decodificar os comentários entusiásticos e encorajadores das pessoas. A única coisa de que tinha a certeza, de uma forma embotada, era de que completara a tarefa e estava viva. Agora só queria estar sozinha. Ninguém parecia perceber que as suas pernas mal a conseguiam suportar e que a sua visão se turvara. Só conseguiu voltar a recuperar parte da lucidez quando se viu de novo em solo firme.

— Alice? — ouviu Thad chamá-la enquanto se apressava a descer o trilho na direção das cabanas.

— Vou voltar para a cabana e tomar um duche antes do jantar — respondeu-lhe Alice para onde ele estava, no alto da plataforma. Thad anuiu, mas parecia um pouco desconfiado. Ela acenou-lhe num gesto amigável e tranquilizador e retomou o caminho.

Estava desesperada para se afastar dos outros, tão louca para ficar sozinha como um animal ferido.

Cinco minutos mais tarde, Thad encontrou-a numa pequena clareira no bosque, fora do trilho principal, a vomitar para a base de um carvalho.

Ou a acabar de vomitar, pelo menos. Quando sentiu a mão dele nas suas costas e olhou para trás, sobressaltada, quase tudo o que tinha no estômago já tinha saído.

— Oh, céus — balbuciou, infeliz, quando o viu ali parado, as sobrancelhas elevadas, os olhos verdes preocupados. Limpou a boca e endireitou-se, afastando-se à pressa da árvore e voltando ao acaso para a floresta. Para onde poderia ir naquele lugar maldito para poder ficar *sozinha*, merda? Nem sequer podia vomitar sem ter um gestor da Durand por perto a anotar o conteúdo do seu estômago num bloco de notas, ou, pior ainda, um tipo lindo a observar cada nojento segundo?

— Alice — disse Thad, tenso, nas suas costas.

Ela continuou apenas a andar, mal conseguindo manter a cabeça erguida sobre um nauseante mar de mortificação. Infelizmente, estava a andar demasiado depressa para as pernas fracas e o estado entontecido.

— Espera, Alice — implorou Thad, e ela percebeu pela proximidade da voz e o estalar dos raminhos debaixo dos seus pés que ele estava a correr para a apanhar. Depois sentiu-o agarrar-lhe numa mão. Virou-se subitamente ao ver-se presa, pronta para o repelir. Ele estava mais perto do que julgara. Esbarraram um contra o outro e as pernas de Alice cederam.

Caiu de rabo no meio da erva alta.

Durante alguns segundos, ficou apenas ali sentada, as flores do prado e a erva a fazerem cócegas nas suas pernas nuas, o choque do impacto a vibrar no seu cérebro.

— Bolas, desculpa — disse Thad, caindo pesadamente de joelhos na erva ao seu lado. Tocou-lhe nas costas. — Alice? Estás bem?

Ela olhou-o e conseguiu, por fim, focar a vista. Estranhamente, o

choque da queda desanuviara-lhe a cabeça. O cabelo louro de Thad cintilava à luz do Sol. O seu forte bronzeado aprofundara-se ainda mais, por estar constantemente ao ar livre nos últimos dias. Ele parecia um jovem deus dourado, com a verdejante folhagem a rodeá-lo. Estava a olhá-la com uma expressão preocupada, os olhos verdes transformados em nêgas cor de esmeralda.

— Claro que não estou bem — disse ela num tom irritável. — Acabei de cair de rabo. Com força. E ninguém te disse que é falta de educação ficares a olhar para uma pessoa que está a vomitar?

— Desculpa. Andava à tua procura e encontrei-te por acaso quando... Alice, sentes-te melhor?

A sua preocupação penetrou-lhe por fim na consciência. Fez uma careta.

— Sim. Estou bem — balbuciou. — Para além do facto de ter podido passar sem que me visses assim.

Thad deixou-se cair no chão ao seu lado, a coxa junto à sua anca, o braço plantado nas suas costas. Ela olhou-o, cautelosa. A clareira onde estavam sentados estava banhada em luz e sombras pelas árvores que os rodeavam. Ele abriu o botão de um dos bolsos dos calções e passou-lhe uma garrafa de água, sem dizer uma palavra.

— Obrigada — disse ela, grata, devolvendo a garrafa depois de enxaguar a boca e beber vários goles. Ele pegou nela e tapou-a.

— O que é que te fez vomitar? — perguntou simplesmente.

Ela ficou a olhar os próprios joelhos dobrados e arrancou distraidamente uma lâmina de relva.

— O *slide*. Borro-me de medo das alturas — replicou sucintamente. Quando ele não respondeu, olhou-o de relance. Parecia espantado.

— O que é que se passa? — perguntou ela, num tom algo defensivo. — Montes de gente tem medo das alturas.

Ele abanou a cabeça.

— Nada. É só que... Parecias bem, quando te tirámos o arnês.

— Então porque é que vieste atrás de mim?

Ele elevou as sobrancelhas.

— Não foi por pensar que estivesses enjoada. Estava só a tentar apanhar-te sozinha.

— Ah — fez suavemente, após um momento de estupefação. Estudou o joelho com mais atenção.

— Sempre tiveste medo das alturas? — perguntou ele. Alice sentiu os pelos da nuca e do braço a espetarem-se. A voz de Thad soava mais próxima, como se ele se tivesse inclinado na sua direção.

— Desde que me lembro. A minha memória mais antiga é a de ter acordado num hospital, quando era mesmo muito pequena. Parece que tinha caído de uma escada, numa torre de água abandonada no meu bairro.

— Então nem sempre tiveste medo.

Ela olhou-o, hesitante.

— A pequena Alice queria subir. Não tinha medo.

— Não sei nada sobre a pequena Alice. Só sei que as alturas são o meu pior pesadelo. Ou seja, *cair* é o meu pior pesadelo — corrigiu Alice, com um sorriso amarelo, os olhos presos nos dele. Thad devolveu o sorriso. Ergueu uma mão e desviou-lhe a franja da testa. As folhas nas árvores abanavam, salpicando-lhe o rosto e os ombros com luz e sombra em movimento.

— És extraordinária, sabias? — murmurou.

— Não percebo porque é que estás a dizer isso. Achas que tenho um talento inigualável para vomitar? — As palavras fizeram-na recordar a cena em todos os pormenores, a maneira como ele assistira a tudo. O seu estômago contraiu-se. Virou a cabeça para o outro lado, inibida por aquela proximidade quando tinha acabado de vomitar. Ele riu-se, e de repente estava a envolver-lhe a cintura com um braço e a mover-se na erva atrás dela. Puxou-a ligeiramente e as costas dela caíram contra o seu peito.

— O que eu quero dizer é que és extraordinária porque fizeste aquele *slide*, e estavas cheia de medo e maldisposta, e nenhum de nós o imaginou. Descontraí-te — disse suavemente, quando ela se tornou hirta e tentou afastar-se daquele abraço casual.

— Thad, eu acabei de vomitar. Não quero... — calou-se, pouco à vontade. Não sabia muito bem se *quereria* mesmo que não tivesse acabado de vomitar.

— Eu sei — disse ele. — Não me estou a atirar a ti. Mas está-se bem aqui. Fica só sentada um minuto até te sentires melhor e depois podemos voltar para o campo. Queres mais água? — perguntou, estendendo-lhe a garrafa.

Ela não queria, mas aceitou a água na mesma, contente por ter

alguma coisa para fazer com as mãos. Passado um ou dois minutos, quando Thad não tentou nada, começou a sentir-se um pouco melhor. Começaram a falar sobre as experiências passadas e as suas impressões do Campo Durand até então.

Não era assim tão mau, estar sentada numa clareira do bosque salpicado de sol sem o raio de um gestor da Durand à vista, descontraída entre os braços de Thad Schaefer.

Fora a única vez que se vira emparelhada com Brooke durante a formação, embora tivessem de se aturar em vários desafios de equipa. Ainda não se tinham matado, mas a sua aversão mútua começara a aproximar-se do genuíno ódio, ao fim de uma semana de contacto forçado.

Ou, pelo menos, do lado de Alice.

Mas Alice era paciente. Brooke podia pensar que ia ficar impune depois daquele incidente do *slide*, mas estava enganada.

Alice tivera a certeza de que lhe ia calhar Brooke como companheira de quarto, no primeiro dia. Era apenas uma questão de destino.

Bizarramente, o destino enviara-lhe antes uma fada madrinha.

Chegou na forma de uma colega monitora: uma linda, amorosa, excepcionalmente inteligente indo-britânica, que fora educada em Oxford. O seu nome era Kuvira Sarin — Kuvi, como era conhecida. Kuvi possuía um sotaque maravilhoso e uma mala cheia de tops e calções coloridos, fatos de banho deliciosos, flutuantes páreos, magníficas sandálias e pulseiras que ficavam fantásticas nos seus macios braços cor de caramelo. Era divertida, calorosa e destemida, em igual medida, e Alice sentiu-se verdadeiramente abençoada por tê-la como companheira de quarto.

Na última noite da sua semana de formação, as duas raparigas entraram na sua cabana cansadas das rigorosas atividades do dia, mas também ansiosas. Aquela era a noite do jantar e da seleção das bandeiras das equipas no castelo Durand.

Aquela era a noite em que Alice voltaria a ver Dylan Fall.

Quando entraram na cabana, Alice foi mais uma vez recordada de como tinham sorte. Ela nunca tinha visto suite mais luxuosa, quanto mais dormir numa — embora mantivesse para si essa informação. Havia

duas camas gigantes, uma grande casa de banho com máquina de lavar e secar, uma generosa zona de estar e um confortável terraço exterior com vista para uma praia de areia branca e o Grande Lago. Quando Kuvi e ela entraram na cabana pela primeira vez, uma semana antes, Alice escolheira de imediato a cama que estava virada tanto para a porta como para a entrada do terraço. Precisava sempre de estar em posição de ver todas as entradas para um quarto, quando estava na cama.

Força do hábito.

Agora, tanto ela como Kuvi deixaram-se cair nas suas camas, a suspirar de alívio com a frescura do quarto climatizado e a lenta descontração dos músculos tensos e cansados. Nesse dia, tinham feito o desafio da escalada — outra atividade que Alice temera. Graças à descontraída liderança de Thad, porém, os quinze monitores tinham ultrapassado o desafio sem dificuldades. Claro, o facto de Thad ter noção da sua vulnerabilidade também ajudara. Não lhe parecia que ele tivesse contado a alguém a sua fraqueza, mas fazia pequenas coisas, enquanto delineava a estratégia de escalada da equipa, que a levaram a pensar que estava a ser sensível ao seu medo irracional. Por isso, na escalada, a sua ansiedade apenas durara durante a breve subida e descida, e fora rapidamente aliviada.

A formação estava terminada e Alice sobrevivera, se não com sucesso total, pelo menos sem quaisquer cicatrizes no seu registo pessoal.

— Feito. — Kuvi suspirou, feliz.

— Sim. Agora vem a parte difícil — disse Alice, virando a cabeça sobre a colcha para sorrir a Kuvi.

— Queres tomar duche primeiro? — perguntou Kuvi. Alice suprimiu o cada vez mais familiar sentimento de receio. Já tinham discutido o facto de que precisavam de tomar duche e mudar de roupa imediatamente, se queriam estar prontas a tempo da concentração para o jantar no castelo.

— Não, vai tu — respondeu, sentando-se a olhar a porta do seu roupeiro, desanimada enquanto imaginava o seu conteúdo pouco inspirador.

Quando Alice saiu da casa de banho depois do seu duche, quarenta e cinco minutos depois, Kuvi olhou para ela enquanto apertava um brinco. Kuvi estava muito bonita, com um vestido fúchsia que lhe caía atrás até aos gémeos e depois se erguia na frente para mostrar os joelhos. As

faces de Alice ruborizaram-se quando viu o olhar de Kuvi descer para o vestido de verão que envergara.

— Não trouxe nada para usar num *cocktail* — disse Alice, soando um pouco mais brusca do que tencionara.

— *Eu sei*, também não trouxe grande coisa. Não nos disseram que tínhamos de nos aperaltar. É um *campo de férias*, pelo amor de Deus — disse Kuvi, o tom levemente revoltado a aplicar um penso rápido no agudo desconforto de Alice. — Esse é o único vestido que trouxeste? — perguntou Kuvi num tom prático.

— Era entre este e um parecido em roxo — disse Alice, a mudar de posição, desconfortável, sobre os pés descalços. Até então, a falta de roupas bonitas não representara um problema. Todos os monitores usavam calções, *T-shirts*, fatos de banho, ténis ou botas de caminhada. Alice vivia com roupas dessas, por isso sentira que se integrava perfeitamente. Graças à propositada pergunta de Brooke sobre o traje para o jantar no castelo Durand, porém, Alice já sabia o que esperar para aquela noite.

Tivera toda a semana para temer aquele momento.

— Emprestava-te um dos meus, mas... — Kuvi encolheu os ombros, olhando com um ar expressivo para a figura de Alice e depois a sua. Alice tinha membros compridos, era magra e alta para mulher, enquanto Kuvi era baixa, com belas curvas femininas.

— Que número calças? — perguntou Kuvi, a olhar os pés descalços de Alice.

— Trinta e oito e meio.

— Perfeito. Sabes, esse vestido não é assim tão mau, e esse laranja fica lindo com a tua pele — disse, estudando-a com atenção. — Mas tira o top — disse, referindo-se ao top branco sem alças que ela usava por baixo do vestido. — Estamos a tentar fazer com que esse vestido suba um degrau, não que o desça.

— Mas...

— Confia em mim — disse Kuvi, o brilho maníaco de um desafio a entrar nos seus olhos cor de avelã. Alice foi recordada do que pensara várias vezes nessa semana: que não queria estar na equipa adversária de Kuvi Sarin. Kuvi abriu rapidamente a sua gaveta de cima.

— As mulheres da minha família são conhecidas pela sua pele — continuou ela distraidamente, enquanto procurava qualquer coisa. — Mas a tua consegue bater-nos a todas. Deves ter sangue indiano, nessa

tua árvore genealógica de miúda branca. Talvez sejamos parentes afastadas — brincou Kuvi enquanto extraía um grande saco de plástico cheio de bijuteria.

— Tu não havias de querer ser nem remotamente ligada à minha família, acredita em mim.

Kuvi sorriu.

— Muito bem. Fora com esse top.

O vestido era um pouco mais decotado do que aquilo que Alice gostaria, razão pela qual costumava usar o top por baixo. O corte era decente pela maioria dos padrões, mas Alice era um pouco conservadora nesse tipo de coisas. Mais uma vez, era o passado em Little Paradise a interferir na sua vida presente. Se uma rapariga usasse qualquer coisa remotamente sugestiva em Little Paradise, isso era um convite aberto a ter problemas. Mas despir o top não foi tão mau como temera. O decote revelava apenas uma sugestão do vale entre os seus seios e expunha-lhe a parte superior das costas.

— Tens umas belas formas — disse Kuvi francamente quando Alice saiu da casa de banho depois de remover o top de debaixo do vestido. — Devias ter ouvido o que o Thad disse quando te viu pela primeira vez de fato de banho.

Alice quase perguntou «O quê?», mas depois deteve-se no último minuto. Não tinha assim tanta certeza de querer saber o que Thad tinha dito.

O que era esquisito. Porque é que não havia de querer ouvir o que um tipo fabuloso, esperto e querido como Thad Schaefer tinha dito a seu respeito? Ele não tentara nada com Alice desde aquele dia em que a abraçara no bosque, mas não era porque não estivesse interessado. Alice seria uma idiota se não reparasse no calor nos seus olhos sempre que estavam juntos.

— O que é que tu fazes, amarras essas coisas? — perguntou Kuvi sem pudor, a olhar abertamente para os seios de Alice.

— Uso muito sutiã de desporto — disse Alice, desejando que o ar condicionado lhe arrefecesse a cara a arder. — Prefiro mantê-las fora dos holofotes — disse, a acenar para a proximidade do seu peito.

Kuvi fez um sorriso de entendida.

— Nem me digas nada. Os homens nunca nos levam a sério, em especial no mundo dos negócios. Não te preocupes. O vestido não faz

com que as tuas mamas pareçam enormes, nem coisa do género. Apenas sugere.

Kuvi começou por aparelhá-la com um par de brincos dourados compridos, que se destacavam lindamente ao lado do cabelo quase preto e da pele bronzeada.

— Não precisas de colar, com esse pescoço, peito, ombros e costas fabulosos — disse Kuvi numa avaliação severa e prática, antes de lhe enfiar várias pulseiras douradas e uma púrpura no braço.

Retirou do roupeiro um par de sandálias douradas com tiras para enrolar ao tornozelo e ergueu-as no ar excitadamente. Eram assumidamente *sexy*, o seu objetivo puramente decorativo — como bijuteria para os pés. Pareciam algo que a mulher de um harém poderia usar. Alice teve de recusar.

— Não posso usar isso, Kuvi.

Kuvi olhou as sandálias com um ar crítico.

— Sim, tens razão. Tens demasiada substância para estas coisas — concordou, atirando com as sandálias de volta para o roupeiro.

— E se usar estes? — perguntou Alice num tom esperançoso, mostrando um par de sabrinas baratas num tom neutro que possuía. Kuvi anuiu, encorajadora. Era *tão* simpática.

— Tens a certeza que não te importas de me emprestar a bijuteria? — perguntou Alice, hesitante, levando uma mão a um brinco.

— Importar-me? É *divertido* — insistiu Kuvi. — Estás fantástica.

Alice não concordava, nem na parte da diversão nem na do seu aspeto, mas não queria estragar o evidente divertimento de Kuvi. Estava agradecida pelos esforços da colega, mas a tarefa de embelezar Alice Reed só podia chegar até certo ponto sem cair no ridículo.

Alice e Kuvi saíram da cabana para um límpido fim de tarde de verão. Uma boa parte do grupo total de vinte e oito pessoas já tinha chegado ao lugar de encontro marcado, na frente do pavilhão principal, quando elas ali chegaram. Uma borboleta social, Kuvi estava de imediato embrenhada numa animada conversa com Thad, Dave e uma rapariga bonita e calada da universidade de Stanford chamada Lacey Sherwood. Lacey e Alice gostavam ambas de correr. Lacey chegara a competir na faculdade, mas Alice só corria pelo exercício. Tinham corrido juntas algumas ma-

nhãs naquela semana e tinham descoberto que eram compatíveis, tanto em termos de exercício como de companhia.

— Estão um espetáculo, vocês as duas — disse Thad quando Kuvi e ela se aproximaram. Mas o seu olhar estava sobre Alice. Também ele estava muito atraente, com uma camisa azul-clara, fato cor de cinza e gravata preta. Ela estava mesmo fora do seu campeonato, pensou Alice. Ele pusera *aquela* fato na mala para ir para um campo de férias?

Não é um campo de férias qualquer, estúpida. É um campo de retiro e formação para os melhores executivos do mundo, e é precisamente isso que Thad parece.

Lacey ficou quase tão calada como Alice enquanto todos conversavam, não porque era uma solitária como ela, mas porque era tímida. Alice apanhou algumas vezes Thad a olhar para os seus ombros, braços e seios, o que era um pouco perturbador mas também agradável. Sentia-se tremendamente inapta para o evento daquela noite. Ter um tipo lindo a admirá-la abertamente ajudava-a a aliviar o seu desconforto. Durante alguns minutos, começou mesmo a sentir que talvez todo o seu nervosismo por causa daquela noite fora escusado.

Até Brooke e Tory aparecerem, pelo menos. Naturalmente, Brooke ficara com Tory na seleção dos quartos. A sorte favorecia sempre mulheres como elas.

Brooke parecia sofisticada e chique, num vestido branco que se ajustava ao seu corpo em forma e lhe caía em pregas mesmo acima dos joelhos. A cor destacava o seu tom dourado e o cabelo castanho por altura dos ombros. Alice não tinha dúvidas de que os brincos e o relógio que usava cintilavam de diamantes verdadeiros. Ela era o epítome da elegância e do dinheiro. Tory também parecia quase digna de uma capa de revista, com um flutuante vestido de *chiffon* cinzento-prateado.

O vestido de algodão e a bijuteria emprestada de Alice pareciam especialmente parolos, em comparação. O pensamento irritou-a. A prontidão e a generosidade do empréstimo de Kuvi valiam mil vezes mais do que os diamantes de Brooke.

— Mas que... *coloridas* que vocês estão — comentou Brooke duvidosamente depois de cumprimentar Alice e Kuvi. E a seguir virou por completo a sua atenção para Thad e Dave.

— Acabei de ouvir o Kehoe a dizer que estava uma noite demasiado bonita para irmos nas carrinhas até ao castelo. Vamos ver quem é o

último a rir, quando a Brooke tiver de subir aquela colina íngreme de saltos altos — sussurrou Kuvi a Alice, a sua voz a transbordar de riso contido.

Kuvi tinha razão. Alice sentiu-se brevemente vingada quando olhou por cima do ombro e viu Tory e Brooke a coxear com os seus saltos agulha pela estrada muito íngreme acima, minutos mais tarde. Depois virou-se para a frente, decidida a ignorar Brooke durante o resto da noite.

A estrada estava ladeada por fabulosas hortênsias e roseiras. As torres mais altas do castelo já espreitavam sobre o cume da colina na sua frente. A mansão erguia-se lentamente sobre o horizonte, à medida que se aproximavam, como se estivesse flutuar.

Estava prestes a entrar na casa de Dylan Fall.